

artigo

# Há uma primavera em cada vida: a fugacidade do tempo em Florbela Espanca

1

Lígia Mychelle de Melo Silva<sup>1</sup> – UFRN

## Resumo

Neste artigo, buscando como eixo de leitura a expressão horaciana “Carpe Diem” e considerando o entrelaçamento entre a vida e a obra da poetisa portuguesa Florbela Espanca (1894-930), lançaremos o nosso olhar ao poema “Amar!”, o qual faz parte da obra *Charneca em flor* (1931), com o intuito de sugerir que o poema é um discurso subversivo, na medida em que desconstrói o discurso religioso, autoritário e machista predominante daquela época.

**Palavras-chave:** Florbela Espanca; carpe diem; discurso subversivo.

## Abstract

In this paper, searching as reading axle the horaciana expression “Carpe Diem” and considering the interlacement between the life and the workmanship of the Portuguese poetess Florbela Espanca (1894-1930), we will analyze the poem “Amar!”, which is part of the *Charneca em flor* (1931), with intention to suggest that the poem is a subversive speech, in the measure where it undoes the religious speech, authoritarian and virile predominant of that time.

**Keywords:** Florbela Espanca; carpe diem; subversive speech.

---

1 Formada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Atualmente é mestranda em Estudos da linguagem, na área de Literatura Comparada, e faz um estudo sobre a obra poética de Florbela Espanca.

## 1 INTRODUÇÃO

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,  
Muda-se o ser, muda-se a confiança;  
Todo o mundo é composto de mudança,  
Tomando sempre novas qualidades.  
(CAMÕES: 2002, P.106)

O tempo é o agente transformador de tudo: com a mudança do tempo, as vontades mudam, o ser se modifica e, conseqüentemente, os conceitos também são modificados. Seria incoerente se não fosse assim. Desse modo, é fácil entender porque a poetisa portuguesa Florbela Espanca (1894-1930), em vida, não teve sua obra poética reconhecida, sendo, de um lado, “saudada em vida como mais uma das (abundantes e inexpressivas) flores do galante ramalhete das poetisas de salão” (DAL FARRA, 1997: IX), e de outro, acusada de ser uma “escrava de harém” e de escrever poemas desmoralizadores.

E, no entanto, atualmente, graças ao tempo “que tudo desbarata”<sup>2</sup>, Florbela é tida como a grande figura feminina das primeiras décadas da literatura portuguesa do século XX e é considerada por alguns críticos literários como uma das maiores poetisas portuguesas de todos os tempos<sup>3</sup>. Contudo, é importante salientar que ainda não se tem um grande número de estudos aprofundados sobre a obra literária de Florbela.

Embora a fortuna crítica da poetisa portuguesa já seja considerável, convém ressaltar que - salvo o esforço de alguns estudiosos de sua obra, como, por exemplo, Maria Lúcia Dal Farra, José Régio e Renata Soares Junqueira - grande parte dos estudos desenvolvidos traz como foco principal das discussões

---

2 Expressão utilizada por Camões em um de seus sonetos: “e, se o tempo, que tudo desbarata [...]”. CAMÕES, 2002:30.

3. De acordo com Massaud Moisés (2004), a poetisa alentejana pode ser aproximada dos grandes sonetistas da língua portuguesa como Camões e Bocage.

aspectos biográficos de Florbela, deixando à margem a análise da obra poética.

A obra poética de Florbela Espanca abrange, além dos seus tão conhecidos sonetos, contos, cartas e o diário íntimo da poetisa, o *Diário do último* ano. Em vida foram publicados apenas dois livros: o *Livro de Mágoas*, em 1919 e o *Livro de Sórora Saudade*, em 1923.

O restante de sua obra foi todo publicado postumamente. *Charneca em flor* foi publicado em janeiro de 1931, graças ao empenho do professor italiano Guido Battelli, amigo que Florbela conhecera em 1930, ano em que se suicidou, e a quem a poetisa lusitana confiou os originais do livro: “E sábado lhe enviarei o manuscrito, sem falta. Tenho uma tão grande vontade de ver o livro pronto, que parece-me hei de morrer antes disso. Mande-me notícias e depois as provas para emendá-las convenientemente”.<sup>4</sup>

De um modo geral, as pesquisas desenvolvidas sobre a lírica florbeliana focalizam as temáticas do amor, do desencanto, do autobiografismo (que tendem a tachar a poética de Florbela puramente como confissão), sobre o narcisismo e sobre as questões femininas.

No presente artigo, buscando como eixo de leitura a expressão horaciana “Carpe Diem” e considerando o entrelaçamento entre a obra florbeliana, o contexto social e os aspectos da vida da poetisa Florbela, lançaremos o nosso olhar ao poema “Amar!”, o qual faz parte da obra *Charneca em flor* (1931), com o intuito de sugerir que o poema é um discurso subversivo, na medida em que desconstrói o discurso religioso, autoritário e machista predominante daquela época.

---

4 Trecho de uma carta enviada por Florbela ao professor Guido Battelli, datada de 28 de outubro de 1930 e registrado por Dal Farra: 2007: p.188.

## 2 A FUGACIDADE DO TEMPO NA POESIA DE FLORBELA

A expressão latina “carpe diem”, originalmente, foi utilizada numa ode pelo poeta romano Horácio (65-8 a.C) e significa viver o dia, colher o dia, ou seja, aproveitar o hoje, viver o momento e deixar de se preocupar tanto com o futuro, pois, muitas vezes, nos preocupamos em demorado com o dia de amanhã e nunca usufruímos verdadeiramente do que o momento presente pode nos ofertar.

No que diz respeito à literatura, o sentido dessa expressão foi adotado pelos poetas clássicos – nos sonetos de Camões, por exemplo, a temática do “carpe diem” é recorrente – e, posteriormente, pelos neoclássicos (árcades), os quais retomam os valores da cultura greco-romana. No Arcadismo, é possível afirmar que o “carpe diem”, mais do que uma temática, torna-se um dos fundamentos desse estilo literário.

No presente artigo, queremos chamar a atenção para a presença da temática do “carpe diem” no poema “Amar” (1997, p. 232):

Eu quero amar, amar perdidamente!  
Amar só por amar: Aqui... Além...  
Mais Este e Aquele, o Outro e toda a gente...  
Amar! Amar! E não amar ninguém!

Recordar? Esquecer? Indiferente!...  
Prender ou desprender? É mal? É bem?  
Quem disser que se pode amar alguém  
Durante a vida toda é porque mente!

Há uma primavera em cada vida:  
É preciso cantá-la assim florida,  
Pois se Deus nos deu voz Foi pra cantar!

E se um dia hei de ser pó, cinza e nada  
Que seja a minha noite uma alvorada,  
Que me saiba perder... pra me encontrar...

O sentido da expressão latina no poema transcrito acima pode ser percebido nos dois primeiros versos do primeiro terceto: “Há uma primavera em cada vida:/ É preciso cantá-la assim florida [...]”. A primavera, como sabemos, está associada à juventude. Então podemos

ler os versos florbelianos da seguinte forma: é preciso aproveitar a juventude, enquanto somos jovens, ou, usando a frase do professor Keating, interpretado por Robim Willians em “A sociedade dos poetas mortos”, “colham enquanto podem os seus botões de rosa”.

Florbela Espanca faz uso dessa expressão para argumentar contra a afirmação de que o amor tem que ser eterno: “Quem disser que se pode amar alguém/ Durante a vida inteira é porque mente!”. Indo um pouco mais além, é possível atribuir a afirmação de que o amor deve ser eterno à igreja católica, a qual, com o apoio do Estado, pregava a indissolubilidade das uniões matrimoniais.

Temos, no soneto, a representação de um Eu feminino liberto das amarras sociais, na medida em que expõe sua vontade de poder amar várias pessoas (“Este, Aquele, o Outro e toga a gente...”) sem, necessariamente, ter que estar presa a alguém (“Amar! Amar! E não amar ninguém!”).

Trata-se de um Eu que, ao proferir seu anseio de “amar perdidamente” desconstrói o discurso de poder predominante daquela sociedade em questão, o qual impunha à mulher um casamento, na grande maioria das vezes, de conveniência, sem amor e “para sempre”. A mulher não podia exercer sequer o direito à escolha de seu cônjuge:

Considerava-se que tanto o pai como o marido serviam de amortecedores entre ela e as duras realidades do violento mundo exterior. Além disso, considerava-se que ela era economicamente dependente do homem que controlasse a sua vida. O dever de um pai segundo esse modelo era sustentar a filha até ela casar, altura em que ele mesmo, ou alguém em seu nome negociava com o noivo o acordo de casamento de sua filha. (DUBY & PERROT, 1991, p. 23-25).

Existiam interdições severas em relação à mulher, que era associada à luxúria – “A mulher tem um corpo, uma aparência, uma sexualidade, e é exatamente que a torna tão atraente e tão perigosa.” (1991, p. 15) - e em relação ao sentimento amoroso, visto como “estigma pestífero do desejo” (CORREIA, 2005, p. 16).

Por isso, as mulheres eram sempre controladas por uma figura masculina<sup>5</sup> e as relações matrimoniais não eram baseadas no desejo, na atração física. Mas, afirma Bataille (2004, p. 97), “não existe interdição que não possa ser transgredida”.

Então, pode-se dizer que o Eu que permeia o poema “Amar!” é um ser que não vive de espera, como grande parte das mulheres-personagens da literatura portuguesa, conforme observou Magalhães (1987, p. 596): “O presente destas mulheres é assim um tempo de espera, de expectativas: vimo-lo na Idade Média e vemo-lo ainda nos nossos dias”. E mais:

Para as mulheres, como na música, há a expectativa do momento seguinte e, logo a seguir, a memória desse mesmo instante: a vida passa-se pois nessa tensão entre o futuro, imediato ou não, e o passado. O presente praticamente não existe como tal, como momento com realidade e consciência próprias, e aqui a vivência feminina distancia-se até certo ponto da concepção agostiniana do tempo, na medida em que para o bispo de Hipona o agora, o presente é o único momento real [...]

Ao contrário do que é observado por Magalhães em grande parte das personagens femininas, que praticamente não viviam o tempo presente, em função de um tempo futuro, no soneto florbeliano há uma celebração do tempo presente. Florbela Espanca dá voz a um Eu consciente da fugacidade do tempo e que, por isso, utiliza-se da temática do “carpe diem” para reivindicar o seu direito de “amar, amar perdidamente!” e proferir, portanto, um discurso transgressor das ordens estabelecidas.

---

5 Duby e Perrot (1991:23) registram que, no século XVIII, o ensaísta Richard Steele deu à mulher uma definição inteiramente de acordo com os padrões da época. Para ele, a mulher era um apêndice da raça humana.

### 3 Considerações finais

Florbela Espanca, para manifestar o erotismo em seus poemas, teve que “derrubar barreiras, estilhaçar a permissão, visto que é de tabu social que se trata” (DAL FARRA, 2001, p. 29). Nesse sentido, podemos fazer associações entre a manifestação do erótico em Florbela e o pensamento de Bataille (2004, p. 146) de que o erotismo, em seu conjunto, é infração à regra das interdições.

O escritor francês diz que o erotismo está ligado à idéia de conciliação entre a interdição e a transgressão que são, em princípio, inconciliáveis:

A verdade das interdições é a chave de nossa atitude humana. Devemos e podemos saber exatamente que as interdições não são impostas de fora. Isso nos aparece na angústia, no momento em que transgredimos a interdição, sobretudo no momento suspenso em que ela ainda atua, e no qual, contudo, cedemos ao impulso a que ela se opunha. Se obedecermos à interdição, se estamos a ela submetidos, dela não temos mais consciência. Mas experimentamos, no momento da transgressão, a angústia sem a qual não existiria: é a experiência do pecado. (2004, p. 58-59).

Então, pelo que foi observado no trecho transcrito acima, podemos inferir que a transgressão (o ato de transpassar, de quebrar) só existe por causa da interdição (o impedimento, a proibição). A existência da interdição em relação à conduta sexual do homem, de acordo com a pesquisa desenvolvida por Bataille, é muito antiga. De acordo com o ensaísta francês, embora não se possa fazer conclusões em relação as representações da atividade sexual do homem, por serem muito recentes<sup>6</sup>, as imagens legadas pelo Homo Sapiens revelam uma liberdade sexual relativa.

---

6 As representações que mostram as atividades sexuais do homem, conforme registra Georges Bataille (2004), começam com o Homo Sapiens. Elas na aparecem no tempo do Homem de Neanderthal.

No entanto, não podem provar que aqueles que as traçavam, praticavam uma liberdade sem limites. O que se pode dizer é que a atividade sexual é uma violência que poderia atrapalhar o trabalho e, desse modo, pode-se pensar que, desde a origem, foi dado um limite à liberdade sexual, ao qual devemos chamar de **interdição**.

Na época em que Florbela produziu o soneto “Amar!”, em Portugal vigorava um regime ditatorial, o qual tinha como ministro das finanças Antonio Oliveira Salazar, posteriormente, fundador e líder do Estado Novo. O regime ditatorial, aliado à igreja católica, tendo como apoio, portanto, uma ideologia cristã, pregava a “moral e os bons costumes”. As imposições dadas, principalmente, às mulheres eram, conforme já foi comentado, severas.

Desse modo, podemos afirmar que, contrariamente a essas idéias totalitárias e moralistas, o poema “Amar!” traz a representação de uma mulher sensual, erótica, que libera o seu discurso de inquietação em relação às imposições e limitações dadas ao sexo feminino em seu contexto.

## REFERÊNCIAS

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Tradução de Cláudia Fares. São Paulo: Arx, 2004.

CAMÕES, Luís Vaz. *Sonetos*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

DAL FARRA, Maria Lucia. Florbela: as apropriações da obra e da biografia.”In: BUENO, Aparecida de Fátima (et al). *Literatura portuguesa – história, memória e perspectivas*. São Paulo: Alameda, 2007.

DAL FARRA, Maria Lúcia. Os devaneios eróticos de Florbela. In: *Encontros prodigiosos. Anais do XVII encontro universitários brasileiros de literatura portuguesa*. V.1. Belo Horizonte: FALE/UFMG: PUC Minas, 20001. P.29-39.

\_\_\_\_\_. As transmutações do feminino na poesia de Florbela Espanca: uma montagem bibliográfica. In: *Revista da ABLAPLIP v1. Nº. 1. Belo Horizonte: Associação brasileira de professores de literatura portuguesa, 1999. P.281-300.*

\_\_\_\_\_. Florbela: um caso feminino e poético. In: *Poemas de Florbela Espanca. São Paulo: Martins Fontes, 1999.*

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. História das Mulheres. Do Renascimento à Idade Moderna. (Tradução de Maria Helena da Cruz Coelho, Irene Maria Vaquinhas, Leontina Ventura e Guilhermina Nota). São Paulo: EBRADIL, 1991.

ESPANCA Florbela. *Poemas de Florbela Espanca*. Edição preparada por Maria Lúcia Dal Farra. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MAGALÃES, Isabel Allegro. O tempo das mulheres. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987.

MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 2004.

\_\_\_\_\_. *A literatura portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 2001.



## **dEsEnrEdoS**

ano I - **número dois**  
setembro outubro 2009  
**ISSN** 2175 3903

### **editores**

Adriano Lobão Aragão  
Wanderson Lima

### **design e programação visual**

Adriano Lobão Aragão

### **conselho editorial**

Adriano Lobão Aragão  
Alfredo Werney Lima Torres  
Carlange Lobão de Castro  
Cleber Ranieri Ribas de Almeida  
Herasmo Braga de Oliveira Brito  
José Wanderson Lima Torres  
Newton de Oliveira Lima  
Roselany de Holanda Duarte  
Sebastião Edson Macedo

### **imagem desta edição**

Gabriel Archanjo

### **contatos**

lobaoaragao@gmail.com  
wandersonortorres@hotmail.com

As opiniões, fundamentações teóricas e adequação vocabular são de exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

### **galeria**

Gabriel Archanjo

### **entrevista**

Luiz Costa Lima

### **poesia**

Alfredo Fressia / Demétrios Galvão  
Floriano Martins / Manoel Ricardo de Lima  
Rodrigo Petronio / Virginia Boechat

### **prosa de ficção**

Bruno Medina / Cícero Burity  
Wellington Soares / Zuenir Ventura

### **tradução**

Ezra Pound, por Dirceu Villa  
Lee Harwood, por Sebastião Edson Macedo  
Konstantino Kavafi, por Sebastião Edson Macedo  
Santa Teresa d'Ávila, por Wanderson Lima

### **ensaio**

Alexandre Matias – Cultura do Remix  
Camilo Rocha – Pra que serve um crítico musical  
Cláudia Lage – As pessoas, os escritores  
Daniel Piza – Existe público, sim  
Floriano Martins – A poesia de José Santiago Naud  
José Saramago – Uma certa inocência  
Maiara Gouveia – Do limite, o salto  
Miguel Sanches Neto – Herói primitivo  
Nelson Pereira dos Santos – O que aprendi

Paulo Nassar – O (en)canto dos blogs  
Ruy Castro – Chico Buarque falou por nós

### **bloco de notas**

Adriano Lobão Aragão / Wanderson Lima

### **resenha**

Alexandre Marques – Charles Taylor e a genealogia da espiritualidade moderna

### **Artigo científico**

Articulação entre melodia e prosódia na canção popular brasileira: uma análise de "Retrato em Preto e Branco" - Alfredo Werney  
A paixão do clérigo Frollo como fator determinante para a violência: um estudo comparativo entre o livro O corcunda de Notre-Dame e o filme de William Dieterle - Antonia Pereira de Souza  
Juventude e fanzine: a cartografia de uma prática subversiva - Demétrios Galvão  
A ironia militante de Murilo Rubião - Herasmo Braga de Oliveira Brito  
**Há uma primavera em cada vida - a fugacidade do tempo em Florbela Espanca - Lígia Mychelle de Melo Silva**  
Gustav Radbruch e a fundamentação de uma teoria racionalista dos direitos humanos - Newton de Oliveira Lima  
Nietzsche e Weber: diálogos entre o cientista e o legislador - Ranieri Ribas  
O slogan: persuasão e fim da experiência - Roselany Duarte